

Terça 21 de junho 9:00 - 12:00

Sala

117A

1 *Os gêneros textuais na formação de professores: instrumentos para o desenvolvimento***Coordenação** *Anna Rachel Machado PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**Eliane G. Lousada UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**Luzia Bueno UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO**Líliã Abreu-Tardelli IF*

O objetivo deste workshop é apresentar e discutir a questão dos gêneros textuais como instrumentos psicológicos usados nos contextos de formação de professores para o desenvolvimento pessoal e profissional do professor, contribuindo para a evolução do próprio "métier" educacional. Inúmeras são as pesquisas que tomam os gêneros textuais como objeto de estudo, tanto do ponto de vista da descrição de suas características, quanto do ponto de vista do ensino-aprendizagem da língua materna e/ou estrangeira. No entanto, a maioria das pesquisas e das prescrições educacionais realizadas no Brasil têm focalizado mais a produção textual a partir da noção de gênero ou, em alguns casos, a questão do gênero enquanto instrumento para o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos. Interessa-nos, porém, neste workshop, apresentar a ideia de que "o gênero é um instrumento (ou megainstrumento)", estabelecida por Schneuwly (1994), a partir da psicologia vigotskiana. Assim, propomo-nos a mostrar que a ideia do gênero como um megainstrumento para o desenvolvimento pode ser vista, também, em relação ao desenvolvimento do professor e de seu "métier" (Machado e Guimarães, 2009). Para atingirmos esse objetivo, apresentaremos, primeiramente, os pressupostos teóricos que embasam nossa pesquisa, a saber: os conceitos do interacionismo sociodiscursivo sobre a questão do ensino-aprendizagem de gêneros textuais, e, mais recentemente, sobre as reflexões ligadas ao trabalho educacional; as pesquisas propostas pelo Grupo LAF (Bronckart, 1999, 2006, 2008), pela Ergonomia da Atividade representada pelo Grupo ERGAPE (Amigues, 2002, 2004; Saujat, 2004) e pela Clínica da Atividade (Clot, 1999; Faïta, 2004) sobre trabalho, trabalho docente, distinção entre artefato e instrumento (Rabardel, 1995) e sobre suas implicações para o desenvolvimento humano e dos diferentes "métiers"; e, finalmente, as próprias reflexões produzidas pelos membros do grupo de pesquisa ao qual pertencemos (Grupo ALTER-CNPq). Proporemos atividades práticas de análise e produção de gêneros textuais relevantes para os contextos de formação inicial ou continuada de professores, visando a propiciar a vivência do gênero enquanto instrumento para o desenvolvimento dos participantes e, em seguida, apontaremos para uma análise que mostra como os textos produzidos podem ser vistos como instrumentos para o desenvolvimento profissional.

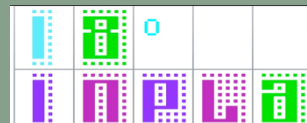
Terça 21 de junho 9:00 - 12:00

Sala

Paulo VI

2 *A Linguística Crítica: A persuasão sob o enfoque Sistemico-Funcional***Coordenação** *Sumiko Nishitani Ikeda PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO*

Este capítulo dará inicialmente uma visão geral do que se entende por análise de discurso crítica (ADC). A seguir, para explicar o que significa dizer, em termos dessa análise, que "a língua não é uma janela límpida, mas um meio de refração e de estruturação e, como consequência, a visão do mundo resultante será necessariamente parcial" (FOWLER, 1991: 10), enfocaremos certos fatores que subjazem à comunicação humana, tais como: os atos de fala indiretos, o frame que o leitor traz para o texto, a polidez, o intertexto, a intersubjetividade. E, nesse contexto, na medida em que, quando falamos (ou escrevemos), estamos quase sempre argumentando, tentando convencer o interlocutor, trataremos também da persuasão, para a realização da qual concorrem as avaliações explícitas ou implícitas que o produtor do texto faz, ao se posicionar em relação não só ao conteúdo da mensagem, mas também em relação ao endereçado. Latour e Woolgar (1979: 240) afirmam que "o resultado de uma persuasão retórica é que os participantes devem ser convencidos de que não foram convencidos". Mas não é preciso dizer que, para persuadir, os fatos devem ser mostrados como verdadeiros e plausíveis através da incorporação de feições persuasivas (VAN DIJK, 1988, apud KITIS; MILAPIDES, 1977). Pelo fato de incluir a ativação e a participação do sistema cognitivo, essa recepção constitui-se num processo cognitivo. Mas, freqüentemente, a persuasão cerceia a participação cognitiva do leitor no processo de aceitar a perspectiva do autor e, nesses casos, podemos falar de 'sedução' em vez de convicção. Um método de análise do discurso deve preencher algumas condições mínimas, segundo Fairclough (1992), e ele enumera quatro, dentre as quais, a necessidade da multifuncionalidade do método de análise. Nesse sentido, ele sugere a teoria sistêmica da linguagem, de Halliday (1978; 1985; 1994), que considera a linguagem como tri-funcional, já que os textos, para essa teoria, representam a realidade, ordenam as relações sociais e estabelecem identidades, de maneira simultânea. Por seu lado, Fowler (1991) concebe a 'linguística crítica' como uma tentativa de casar um método de



análise da lingüística textual com uma teoria social do funcionamento da linguagem envolvendo processos políticos e ideológicos. Para tanto, ele também recorre à teoria sistêmica, apontando, em especial, a concepção da gramática de uma língua como constituída de sistemas de 'opções', que permitem aos falantes fazerem 'escolhas' segundo as circunstâncias sociais, e cada escolha no sistema adquire seu significado em relação a outras escolhas que poderiam ter sido feitas. A teoria sistêmica pode ter seu alcance aumentado com visões mais recentes de abordagens que tratam da persuasão, tais como: a crypto-argumentação (KITIS; MILAPIDES, 1996); o 'mundo textual' (DOWNING, 2003; SEMINO (1997); o contrabando de informação (LUCHENBROERS; ALDRIDGE, 2007); a política do apito-do-cão (COFFIN; O'HALLORAN, 2006), a Teoria da Argumentação (TOULMIN, 1985). A propósito, o curso fará uma revisão de questões em geral tratadas do ponto de vista formal, tais como a causalidade, a concessividade, a condicionalidade, examinando, em acréscimo, sua função discursiva. O curso tentará responder às seguintes perguntas: Como é uma linguagem ideologicamente carregada? Como é feita a persuasão no discurso? E examinará gêneros tanto da modalidade escrita quanto da oral.

Terça 21 de junho 14:00 - 17:00

Sala 117A

3 *Corpus é só para nerds? Usando corpora na sala de aula*

Coordenação Tony Berber Sardinha PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Cristina Mayer Acunzo PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Telma São Bento Ferreira GELC / PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO

Rosana De Barros Silva E Teixeira GELC / PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO

Marcia Veirano Pinto PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Maria Cecília Lopes FIP/FMU/UNIBERO-ANHANGUERA

Este workshop é dirigido a professores de língua estrangeira (inglês, espanhol, português). Nele, faremos uma introdução sobre como usar corpora para ensinar línguas estrangeiras. Os temas a serem tratados incluem: O que é corpus; Corpus não é só para nerds!; Utilização de corpora; Corpora online; Usando corpus com meus alunos; Preparando atividades com corpus; Usando corpus para dar feedback em aula; Usando corpus para corrigir composições; Usando corpus para preparar aula; Usando corpus para preparar curso; Usando corpus para treinar professores; Usando corpus para se preparar para exames de proficiência; Usando corpus com música; Usando corpus com vídeo; Usando corpus com filmes e séries e TV.

Quarta 22 de junho 9:00 - 12:00

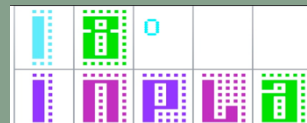
Sala 524

5 *Análise do Discurso: para quê? Abordagem discursiva dos fatos sociais*

Coordenação Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Um dos caminhos para se compreender os discursos políticos, midiáticos e institucionais e o modo pelo qual os debates sobre as relações sociais tem-se desenvolvido é recorrer ao estudo das fórmulas e suas variantes, isto é, sequências verbais, formalmente demarcáveis e relativamente estáveis, que começam a funcionar nos discursos produzidos no espaço público como expressões ao mesmo tempo partilhadas e polêmicas (Krieg-Planque, 2009/2010). Uma fórmula se caracteriza pelo fato de ser um referente social, isto é, em um determinado momento, ela circula em diferentes setores (educacional, religioso, político, jornalístico etc.) em diferentes gêneros discursivos (notícias, relatórios etc.) e em diferentes suportes (impressos, eletrônicos etc.). São numerosas as expressões que podem ser apreendidas como fórmulas, ou unidades prestes a adquirir o estatuto de fórmulas, como inclusão, globalização, empresa-cidadã, escola cidadã, sistema de ensino, economia sustentável, os sem terra, aquecimento global e tantas outras.

Além de referente social, as fórmulas têm um caráter cristalizador, portanto, são facilmente reconhecíveis e, conseqüentemente, podem funcionar como significantes partilhados e como lugar de debate; elas se inscrevem em uma dimensão discursiva, isto é, são os discursos produzidos por diferentes enunciadores que a tornam uma fórmula; finalmente, apresentam um aspecto polêmico que mobiliza os indivíduos a se manifestarem, a dizerem alguma coisa a seu respeito; este valor de injunção coloca em discussão a própria identidade de tais indivíduos (Krieg-Planque,



2009/2010).

As quatro características da fórmula serão pensadas a partir da noção de interdiscurso, que em termos de gênese, significa que os diversos discursos não se constituem independentemente uns dos outros para em seguida serem postos em relação, mas sim que tais discursos se formam, de maneira regulada, no interior do interdiscurso (Maingueneau, 1984/2008).

No espaço deste workshop, apresentarei um modo de pensar e de praticar a análise do discurso que leva a circunscrever um determinado objeto, determinados discursos, a partir de suas propriedades e também das restrições que pesam sobre eles.

Bibliografia básica

Krieg-Planque, A. (2009/2010) A noção de fórmula em análise do discurso - quadro teórico e metodológico. Trad. Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo, Parábola Editorial.

Maingueneau, D. (1984/2008) Gênese dos discursos. Trad. Sírio Possenti. São Paulo, Parábola Editorial.

Souza-e-Silva, M.C.P & Rocha, D. (2009) Por que ler Gênese dos Discursos? Resenha de "Gênese dos discursos", de Dominique Maingueneau. ReVEL, v. 7, n. 13, 2009. [www.revel.inf.br].

Quarta 22 de junho 9:00 - 12:00

Sala 520

6 *Colaboração Crítica em atividades do contexto escolar: Discussão Teórico- Metodológica*

Coordenação *Maria Cecília Camargo Magalhães PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO*

Fernanda Liberalli PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Elvira Aranha PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Ilka Schapper Santos UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Monica Guerra PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Maria Otília Ninin UNIP

Objetivo:

Retomar as bases teóricas da Teoria Sócio-histórico-cultural

Discutir a TSHC

Discutir como colaboração crítica possibilita pesquisa como transformação de teorias e práticas

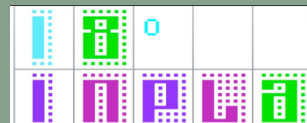
Quarta 22 de junho 14:00 - 17:00

Sala 205

4 *Interpersonal choices in the construction of the reader-in-the-text in UK newspaper editorials*

Coordenação *Geoff Thompson UNIVERSITY OF LIVERPOOL*

If we take a dialogic perspective on discourse, every text can be seen as haunted by the addressees: utterances respond to previous utterances and are formulated in anticipation of future responses (Bakhtin, 1986). One way of exploring the linguistic manifestations of this orientation to the addressee is through the concept of the 'reader-in-the-text' (Thompson & Thetela 1995; Thompson 2001). This label is admittedly clumsy, but it has the advantage that it makes absolutely explicit that the focus is on evidence in the text itself. The reader-in-the-text is construed by configurations of linguistic choices which reflect the writer's expectations about what the addressee may bring to the text and the kinds of response that the text will elicit from the addressee. These choices project a reader with certain attitudes, knowledge, assumptions, status, etc. and assign roles for that reader to play in the unfolding of the discourse. (The extent to which any real-world reader matches the projected reader is, of course, unpredictable.) The range of



features which contribute to the construal of the reader-in-the-text is extensive, and it is difficult, if not impossible, to arrive at an exhaustive list. Some of the areas which have proved illuminating to explore, within and between clauses, are: interactant pronouns; non-declarative mood choices; modalization; polarity; evaluation; unattributed/general mental and verbal processes; and certain types of conjunctive relations between clauses such as concession. In the workshop, we will explore how some of these resources are deployed in a text type which is rhetorically crafted to engage readers and encourage affiliation with the opinions expressed: newspaper editorials. Given the aims of this text-type, one can predict that the construal of the reader-in-the-text will play a crucial role and should be relatively salient. In order to bring out more clearly the fact that, within the same genre, different writers may construe different kinds of reader-in-the-text, and thus to help highlight the choices that have been made, we will compare editorials from two UK newspapers with contrasting niches in the media market. The Guardian represents the 'quality' press and is aimed at a relatively educated middle-class audience (AB/C1 in the categories used by the advertising industry), while the Sun is categorized as 'popular', with the bulk of its readership being in the C1/C2/DE categories (clerical, skilled manual or unskilled manual workers, or unemployed). We will examine the ways in which linguistic resources such as interactant pronouns, response-expecting speech functions and modality are exploited in the editorials to construct different kinds of readers-in-the-text which reflect the different expectations of the audience (in both senses: the groups that the newspaper writers expect to be writing for, and the values, attitudes, knowledge, etc. that readers expect to be catered for in the newspaper).

Quarta 22 de junho 14:00 - 17:00

Sala

202

7 *Argumentação em atividades do contexto escolar: Grade de análise*

Coordenação *Fernanda Liberalli PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO*

Maria Cecília Camargo Magalhães PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Wellington de Oliveira PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Elvira Aranha PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Ilka Schapper Santos UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Monica Guerra; Otília Ninin PUCSP; UNIP

Objetivos:

Retomar a Teoria Sócio-histórico-cultural

Discutir a argumentação como modo de olhar os dados: relação análise-interpretação,

Trabalhar com dados trazidos pelos organizadores

Quarta 22 de junho 14:00 - 17:00

Sala

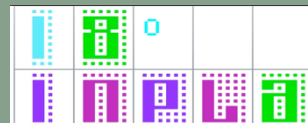
203

8 *Construindo uma prática de letramento para formação de leitores e mediadores de leitura*

Coordenação *Mara Sofia Zanotto PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO*

Dieli Vesaro Palma PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Este workshop tem como objetivo apresentar uma prática dialógica e colaborativa de letramento para a formação de leitores e de mediadores de leitura, que tem sido investigada pelos(as) pesquisadores(as) do grupo GEIM-CNPq no contexto do projeto *As Múltiplas Leituras da Metáfora em Sala de Aula: Uma Complexidade Teórica e Pedagógica* (CNPq). Esse projeto se insere na *Linguística Aplicada Crítica* (Pennycook, 1998,2006), que se fundamenta no pensamento pós-moderno, o qual propõe a compreensão da linguagem como prática social. O sentido nessa visão é considerado como múltiplo e indeterminado, pelo fato de ser construído pelos sujeitos com base nos seus conhecimentos, experiências e no contexto sociocultural no qual estão inseridos. Embora essa natureza do sentido seja hoje reconhecida por muitos teóricos, as práticas de leitura em sala de aula não são coerentes com essa visão, pois não abrem espaço para a voz e subjetividade do leitor, o que possibilitaria a construção de múltiplas leituras, com as quais o professor precisaria estar preparado para lidar. O workshop irá focalizar essa prática, denominada *Pensar Alto em Grupo* (PAG), na qual os leitores tem espaço para suas vozes e subjetividades, que são ouvidas e legitimadas pelo(a)



professor(a) , mediador(a) e orquestrador(a) das diferentes vozes. Essa prática implica em mudanças nos papéis do professor e dos alunos e tem sido construída com aportes teóricos do letramento crítico de inspiração freireana, do dialogismo bakhtiniano e da psicologia vigotskiana. Haverá uma parte prática para análise e discussão de registros de vivências da prática, para que se possa compreendê-la não só teoricamente, mas empiricamente.

Quarta 22 de junho 14:00 - 17:00

Sala

204

9 *Tropeços e impasses na Escola e na Clínica de Linguagem: Sobre a importância dos erros no processo de aquisição da escrita*

Coordenação *Maria Francisca A. F. Lier-de-Vitto* PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Lourdes Andrade PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Zelma Bosco UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Este workshop discute o estatuto do erro na escrita de crianças em processo de aquisição da escrita. Diferentes concepções sobre o erro levam a formas diversas de abordagem dessas ocorrências intrigantes e insistentes que incidem no percurso da escolarização e que podem levar ao encaminhamento de crianças para a Clínica. De modo geral, os erros podem ser entendidos como acontecimentos negativos e indesejáveis: são “falhas de saber” que irrompem nos textos de crianças e perturbam a aprendizagem – eles devem, por essa razão e nessa perspectiva, ser banidos a todo custo. Os erros podem receber, no entanto, interpretação oposta: vistos como acontecimentos inevitáveis e positivos, refletem um momento rico e especial da relação do sujeito com a linguagem (Figueira, 1982, 1997, 2006; Carvalho, 1995; 2006). Em outras palavras, erros são assumidos, neste ponto de vista particular, como impasses que, em sua surpreendente heterogeneidade, sinalizam mudanças e iluminam deslocamentos de posições das crianças e movimentos na escrita. A teorização que orienta a reflexão e as análises de dados tem em autoras como Borges (2006, 2010 e outros), Bosco (2010 e outros) e Andrade (2003, 2006) sua base – todas elas dão reconhecimento à ordem própria da língua (Saussure, 1916, Jakobson, 1960; Milner, 2002), às elaborações teóricas do Interacionismo em Aquisição da Linguagem (De Lemos - desde 1992; Pereira de Castro, 1992, 2006, 2010 ; Lier-DeVitto, 1998, 2006) e à hipótese do inconsciente, introduzida por Freud (1900). Este workshop privilegia análises de textos de crianças, com foco especial em ocorrências insólitas, oscilações ortográficas, rasuras e o não-sentido em textos infantis à luz de questões que remetem a aspectos teóricos como:

- momentos da relação criança-escrita
- a questão das letras do nome próprio
- textualização
- rasuras
- diferentes posições da criança na relação oralidade –escrita
- erro (como movimento) e sintoma (como fixação)

A discussão dessas questões será encaminhada a partir da interpretação de material registrado em sala de aula e de sessões de terapia de linguagem envolvendo casos de dificuldades de leitura-escrita.